



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Apesar das catástrofes

No ano passado, ao longo dos meses de junho e de julho, havia um enorme esforço no setor cultural para tentar abrir espaços que permitissem aos grupos culturais - musicais, teatrais, de dança etc. - retomarem suas atividades e alcançarem um mínimo de sobrevivência. Idealizado a partir da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Theatro São Pedro, ocorreu, então, o Movimenta Cena Sul, um festival que teve o patrocínio do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, com uma programação desenvolvida durante um mês inteiro, nos espaços da Fundação Theatro São Pedro.

Passado o primeiro ano daquela hecatombe, aquele festival vai receber uma segunda edição, que vai se desenvolver entre 19 e 28 de julho, portanto, neste mês.

Na coluna da semana passada, escrevi sobre a necessidade de não esquecermos, porque isso nos ajuda a saber quem somos. Pois o Movimento Cena Sul, de certo modo, desenvolve, na prática, esta ideia: nos dias 19 e 20 de julho teremos dois espetáculos musicais, *Canto de América*, em que Shanna Müller homenageia Mercedes Sosa, e *O nome dela é Gal*, em que Fernanda Copatti revisita a cantora Gal, recentemente falecida, num trabalho assinado por Diego Mac.

Seguem-se dois espetáculos de teatro que têm alcançado grande repercussão onde têm sido apresentados, *Onde está Cassandra?*, no dia 24 de julho, texto de Cassandra Calabouço e Gui Magarizi, concepção e direção de Cassandra Calabouço e um elenco de *drag queens*, seguido de *Rhinocerontes*, no dia 25 de julho, baseado no clássico texto de Eugène Ionesco, com direção de Eduardo Kraemer, para o grupo Teatro Ofidico. O espetáculo está dividido em duas partes, a primeira das quais ocorre na praça defronte ao Theatro São Pedro e depois nos jardins da fundação, e a segunda dentro do teatro Olga Reverbel. A interpretação é de Renato Campão. *Rinocerontes* é um clássico do chamado 'Teatro do absurdo', que se desenvolveu a partir dos anos 1950, no pós II Grande Guerra, sendo seus grandes referenciais o irlandês Samuel Beckett e o ro-

meno Eugène Ionesco. No caso deste texto, foca-se uma pequena cidade que um dia é invadida por rinocerontes. Na verdade, seus até então pacatos moradores vão se transformando gradativamente em rinocerontes que, no contexto, representam, evidentemente, a violência institucional. Os acontecimentos que têm atravessado o mundo, da destruição de Gaza à invasão da Ucrânia e, no Brasil, a divisão ideológica que temos observado, tornam o texto profundamente oportuno e contemporâneo.

O festival prossegue, no dia 26, com o espetáculo de dança *Peixes*, concepção e coreografia de Camila Vergara, recriando um cardume que é levado pelas correntes marítimas. Dois espetáculos teatrais encerram o festival, o primeiro deles, no dia 27, denominado *Negreiros: Histórias que a História não conta*, do Grupo Teatral Leva eu, concepção e interpretação de Juliano Felix, com dramaturgia de Diego

Ferreira, aproximando a experiência colonial da escravidão africana e as atuais escravaturas da contemporaneidade, em especial, evidentemente, os preconceitos raciais do País, com destaque para a criminalização e eliminação da juventude negra brasileira.

A menina dos olhos

d'água, do Coletivo Gompa, é um texto dirigido às crianças, concepção de Liane Venturella, que interpreta, e Camila Bauer, que assina a direção, com manipulação de bonecos, projeção de vídeos e tecnologias variadas, discutindo a reação das crianças aos cataclismos climáticos como os que temos vivenciado e que, em parte, acabaram de se repetir. A cenografia é do experiente artista plástico Elcio Rossini, bonecos e máscaras de Pedro Girardello, trilha sonora de Paola Kirst e Alvaro Rosacosta. O espetáculo estreou na Alemanha, onde atriz e diretora vivenciaram um recente estágio técnico.

Todos os espetáculos têm ingressos de valores bastante baixos. É um bom momento para, primeiro, conhecer, quem ainda não assistiu, a estes espetáculos locais e, segundo, verificar que, apesar de todas as dificuldades e traumas, nossa produção artística continua dinâmica e criativa.

Passado o primeiro ano da hecatombe climática, o festival Movimenta Cena Sul recebe uma segunda edição



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

O sonho e a mercadoria

No ano de 1989, quando a Hungria abriu sua fronteira com a Áustria, permitindo assim que milhares de pessoas que viviam em países integrantes do Pacto de Varsóvia procurassem outro cenário para viver, teve início um processo que foi concluído em 26 de dezembro de 1991, quando a Federação Russa reconheceu a independência dos países que, sob a sua liderança, formavam a URSS. Foi o fim da chamada Guerra Fria, um conflito ideológico que dividiu a Europa, e de certa forma todo o Ocidente, em dois regimes: o pluripartidário e o controlado por um partido único; o da economia da livre concorrência e o de controle do estado. É nessa época que transcorre a ação de *O grande golpe do leste*, título brasileiro que é mais um que nada tem a ver com o original alemão: *Dois por um*, que reflete a situação econômica do período em que a moeda da então Alemanha Oriental tinha desvantagem expressiva diante daquela da Alemanha Ocidental. A diretora Natja Brunkhorst coloca a ação de seu filme em tal época, mas está mais interessada em acompanhar pessoas que vivem num tempo de transição radical

O filme se interessa mais por pessoas vivendo uma transição radical do que em um ensaio sobre o fim do comunismo europeu

do que tentar colocar na tela qualquer forma de ensaio sobre o fim do comunismo europeu e o início de uma nova fase. Aqueles que hoje são contemporâneos do conflito entre Rússia e Ucrânia certamente terão o que pensar ao constatarem que Alexander Dovjenko, um dos luminares do cinema soviético, o autor de *Terra*, *A mãe* e *Shchors*, era ucraniano.

A diretora Brunkhorst não é o primeiro nome a focalizar tal tema. No já longínquo 1961, Billy Wilder realizou *Cupido não tem bandeira*, um filme profético, pois tinha como protagonista um poderoso empresário interessado em colocar na então RDA um famoso refrigerante e tendo uma grande e desagradável surpresa na cena final. E não deve ser esquecido *Adeus, Lenin*, realizado em 2003 por Wolfgang Becker, no qual uma velha senhora adepta de um regime já

extinto era transformada em espectadora do passado, a fim de que acreditasse de que tudo continuava como antes, que a perfeição então tivesse sido alcançada. Um consolo armado por uma série de truques. A vitória da fantasia. A diretora do filme atual está interessada em abordar o tema por outros ângulos, principalmente aqueles relacionados a aspectos ligados à importância da necessidade da mercadoria para a vida humana, o que remete o espectador para a página inicial de *O capital*, quando Marx a define como algo essencial para "o estômago e a fantasia".

Sonhos desfeitos para uns e inimigo vencido para outros, o regime que entrou em colapso devido a diversos fatores, entre eles o de ignorar leis dialéticas, terminou originando problemas não previstos pelos admiradores de simplificações. Brunkhorst pretende falar deles - desde as fronteiras entre amizades e paixões

e a procura de uma salvação. E tudo é feito com leveza e humor, o que faz com que uma menina, representando o futuro, faça exigências para colocar à disposição do grupo de "investidores" a fortuna que acumulou em um brinquedo que, por ironia, lembra a

nação que havia abdicado do seu domínio. E há em cena, também, políticos de ambos os lados, nos quais o propalado humanismo é apenas cobertura para o fascínio pela mercadoria. Esta, representada por centenas de pacotes, satisfaz necessidades e fantasias. O filme é em parte construído por fantasias, embora, segundo informações nos créditos finais, baseado em fatos reais. Na fase reconstituída a indomável natureza humana é claramente exposta. As palavras de ordem e os slogans são abandonados e substituídos por manifestações dedicadas a exaltar a segurança material. Eis uma comédia que sem ser brilhante faz pensar, até por colocar Jules e Jim num momento histórico. O filme repete a afirmação de que no centro de tudo está o ser humano. Ele deveria ser sempre a raiz procurada pelos radicais, aquela na qual se encontram todos os sonhos e todas as realizações.